

ASSENTAMENTO CANUDOS - GO E A RELAÇÃO CIDADE-CAMPO NAS SOCIEDADES COMPLEXAS GLOBALIZADAS¹

ASENTAMIENTO CANUDOS Y LA RELACIÓN CIUDAD-CAMPO EN LAS SOCIEDADES COMPLEJAS GLOBALIZADAS”

COLONY CANUDOS AND RELATION CITY-COUNTRYSIDE IN COMPLEXES GLOBAL SOCIETIES

Sandro Cristiano de Melo

Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso
Campus Universitário do Araguaia - Rodovia BR-070, Km 5.
Barra do Garças-Mato Grosso. CEP: 78600-000
E-mail: smelo@ufmt.br

Resumo

Os estudos recentes sobre as transformações socioespaciais de Goiás, incluindo os que analisam as mudanças do cerrado goiano, além de apresentarem como matriz espacial o processo de modernização do território e da agricultura e, atualizarem o debate acerca da nova inserção diferenciada das regiões goianas na reordenação produtiva do capital, especialmente a partir de 1990, têm apresentado alguns desdobramentos que são recorrentes em vários trabalhos. Nestes um tema que vem assumindo destaque nos debates é a relação cidade-campo. Várias pesquisas têm procurado discutir tal temática, todavia, poucas se debruçam sobre a relação cidade-campo nas sociedades complexas globalizadas a qual se busca abordar neste trabalho, que é uma pequena parte da pesquisa ‘no sopé da metrópole: implicações da relação cidade-campo na dinâmica sócio-espacial do assentamento Canudos – GO’. Por isso mesmo, na discussão cidade-campo que se apresenta, revela-se no debate a análise de um assentamento de reforma agrária – Canudos – nascido do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), situado na grande Goiânia – GO e que demonstra, em parte, como cidade e campo se relacionam nas sociedades complexas globalizadas.

Palavras-Chave: Cidade-campo; sociedades complexas; assentamento de reforma agrária, Assentamento Canudos – GO.

¹ Com algumas alterações, esse texto é um fragmento do 2º capítulo da Tese de Doutorado em Geografia Humana intitulada “No sopé da metrópole: Implicações da relação cidade-campo na dinâmica socioespacial do Assentamento Canudos – GO”, defendida e aprovada no Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.



Resumen

Los estudios recientes sobre las transformaciones socio-espaciales de Goiás, incluyendo los que analizan las transformaciones del cerrado goiano, además de presentar como matriz espacial el proceso de modernización del territorio y de la agricultura y de actualizar el debate sobre la nueva inserción diferenciada de las regiones goianas en la reorganización productiva del capital, especialmente a partir de 1990, ha presentado algunos desdoblamientos que son recurrentes en varios trabajos. En esos trabajos un tema que viene ganando fuerza en las discusiones es la relación ciudad-campo. Varias pesquisas han buscado discutir tal tema, a pesar que, pocas se debruzan realmente sobre la relación ciudad-campo en las sociedades complejas globalizadas que se buscan abordar en este trabajo, que forma parte de la pesquisa “en el *sopé* de la metrópoli: implicaciones de la relación ciudad-campo en la dinámica socio-espacial del asentamiento Canudos – GO”. Por tal motivo, en la discusión ciudad-campo, que aquí se presenta, se insiere al debate el análisis de un asentamiento de reforma agraria – Canudos – nacido del movimiento de los trabajadores rurales sin tierra relacionan en las sociedades complejas globalizadas.

Palabras-claves: Ciudad campo; sociedades complejas; Asentamiento de reforma agraria, asentamiento Canudos.

Abstract

Recent studies on Goiás socio spatial transformation or those that contribute to the analysis change Goiás cerrado, as well as matrix space to make the process of modernization of the territory and agriculture update the discussion with the new integration of different regions in goiana reordering the productive capital, especially since 1990, have some shortcomings that are applied in several studies. In this work a theme that has become prominent in the discussions is the relationship between city-countryside. Several studies have tried to discuss this issue, however, few look into the relationship between country-city global complex societies this addressed in this work, being a small part of the search named "No *sopé* da metróle: implicações da relação cidade-campo na dinâmica socio-espacial do assentamento Canudos-GO. Therefore, in discussing country-city which it stands, in which is addressed this work discuss to analysis reform settlement a land reform - born of the Movement of Landless Rural Workers (MST), located in the vast Goiania - GO, which shows as city and country are related in global complex societies.

Key words: Country-city, complex societies, land reform settlement, settlings Canudos.

A relação cidade-campo nas sociedades complexas globalizadas

A cidade contemporânea, especialmente a metrópole, é um arcabouço inesgotável de atividades, funções, símbolos, sujeitos, instituições e variáveis, as mais diversas. Por conta disso, uma de suas principais características, é reunir o que há de



mais contraditório e estranho às raízes da tradição que identifica o seu próprio lugar. Ela é, então, polivalente, polifônica e polissêmica – e se abre ao devir social como se parecesse uma babel de materiais e símbolos, de cimento e de lutas, de negócios e de inovação, de clausuras e de invenção.

Esse conjunto de variáveis, de ações e sujeitos age numa conexão e numa profusão de eventos, fragmentados nas paisagens urbanas, mas articulados nas suas funções, passam a delineá-la como um lugar de possibilidades da ação de liberdade – e de libertação. A atuação de elementos aparentemente díspares como os da ciência de ponta, exemplificados na biotecnologia, na organização das redes, na modalidade de ação do capital financeiro, no processo de comunicação instantâneo juntamente com a adesão religiosa, o fanatismo esotérico entre outros campos místicos, põem em cena a razão técnico-científico e efeitos de miragens.

Acerca disso, Boaventura Santos (2002, p. 13) analisa:

O nosso tempo é um tempo paradoxal. É, por um lado, um tempo de grandes avanços e de transformações dramáticas, dramaticamente designadas por revolução da informação e da comunicação; revolução eletrônica, revolução da genética e da biotecnologia. Mas é, por outro lado, um tempo de inquietantes regressões, dos regressos dos males sociais que pareciam superados ou em vias de o ser; o regresso da escravatura e do trabalho servil; o regresso da alta vulnerabilidade a doenças antigas que pareciam erradicadas, pelo menos nos países mais desenvolvidos, como a tuberculose, e as doenças novas de proporções pandêmicas, como o HIV/AIDS; o regresso das repugnantes desigualdades sociais que deram o nome à questão social no final do século XIX, enfim, o regresso do espectro da guerra, talvez agora mais mundial que nunca e com uma temperatura quente, por agora mais indefinível. (Santos, 2002, p.13).

As palavras do autor indicam a complexidade do atual período e servem para que se averigue o modo como o espaço das grandes cidades, e especialmente o metropolitano é povoado pelos sentidos sociais contemporâneos, pelos seus signos, pelas suas instituições e por suas contradições. Por conseguinte, do mesmo modo que faz espriar em suas paisagens a sanha do capital imobiliário que reinventa constantemente o seu traçado, os seus limites territoriais e as suas reservas, os novos *ethos* do mercado que oferecem academias de ginástica, clínicas de estética, shoppings centers, galerias de arte, pet-shopping, lojas especializadas entre outras, também



apresentam um cordão infinito do mercado informal de trabalho e dos sujeitos que espelham o cerne das contradições, como meninos de rua, mendigos, desempregados.

Além de a metrópole ser um espaço de coexistência desses corpos diferenciados, ela apresenta com mais exatidão o que deriva das contradições sociais. Assim, a violência urbana ramifica-se numa gama de tipos, modalidades e apropriações; a pobreza referendando a periferia proletária em que tudo parece um novo em ruínas e se desdobra em formas espaciais e ações sociais que geralmente provoca uma “expansão invasora”; a expansão urbana em lugares inapropriados traçando uma morfologia urbana provocadora de problemas ambientais; um regime de fluxo que produz um novo tipo de morte mediante acidentes de veículos, motoqueiros, ciclistas, pedestres como se a ação de deslocamento do trabalho no espaço metropolitano fosse uma espécie de nova guerra mundial diária.

A ação desses corpos diferenciados constituídos nas diferentes identidades juvenis como grafiteiros, roqueiros, *hards*, *rave*, *darks*, *clubs*, *pats*, *pit-boys*, capoeiristas, drogaditos, escolares, torcidas organizadas, conformando tribos, bandos, gangues e organizando sites, blogs, páginas de relacionamentos, *points*, juntamente com migrantes, idosos, negociantes, burocratas, pastores, padres, gente da rua, trabalhadores informais, operários, narcotraficantes, representantes de instituições de controle etc, montam o espaço como prática social e faz dessa prática uma arena múltipla de conflitos, de territorialidades, de identidades que, de encontros e desencontros, por sua vez, desenvolvem símbolos, ajustam modos de consumir imagens, de comunicar o seu desejo, de intercambiar afetos, de realizar feitos e consumarem suas ações.

Ainda que a metrópole seja complexa, ela possui uma intensa articulação com outras cidades e com outros espaços, e tem em si, um ordenamento social e espacial que pode, na aparência, escondê-lo. Não é gratuito que essa metrópole é predicada como ‘METÁPOLIS’, isto é, uma cidade que transborda a si mesmo, pega nas mãos do mundo, dialoga com tudo que acontece em todos os lugares; metrópole estratégica que define ideologias, imagens e produz imaginários, gostos e desejos; metrópole necrópole que é um lugar do terror, do perigo, da violência, de se executar de maneira própria a morte, usá-la como produto de mídia, banalizá-la, oferecê-la como um mecanismo de seu cotidiano; metrópole invasora que penetra nos municípios da sua região; metrópole



heterotópica que é formada por diferentes lugares e tempos bem como sujeitos e símbolos diversos.

Esse espaço complexo tem como uma de suas funções essenciais trazer as inovações e os símbolos do mundo para o lugar; e lançar o lugar nas malhas das necessidades do mundo. Elementos como os novos equipamentos de lazer, os eventos culturais, ou as novas práticas da medicina, as representações simbólicas, as grandes redes de supermercado, o papel da instituição bancária, os suportes de formação para a “sociedade do conhecimento”, as montadoras de veículos e suas revendedoras, os novos modos de morar como os condomínios horizontais fechados encontram ressonância no espaço metropolitano.

Os movimentos sociais também fazem uso do espaço urbano, especialmente o das metrópoles para se organizarem em diferentes direções, como os que lutam por casa própria, os que se organizam pelo trabalho, os que se organizam pelo viés terra e reforma agrária, os sindicatos, as associações, ONGs, OCIPs, o movimento negro, de gênero, o movimento homossexual etc. A importância da metrópole, seu grau de abrangência territorial, sua implicação além de seu próprio limítrofe, as variáveis e os sujeitos sociais que fermentam sua dinâmica, seja de trabalhadores, migrantes que chegam e que saem, a densidade demográfica que consome produtos da adjacência ou importados, sua ligação com o mundo de negócio, de mídia, de decisão local, regional e interregional, fazem com que ela incida, decisivamente, nas esferas sociais próximas ou distantes dentro de uma identidade territorial com a unidade federativa.

Frente ao que se apresentou o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST - de Goiás, é um exemplo de como os movimentos sociais se articulam e fazem uso do espaço metropolitano como lugar de organização e de luta, assim, a disposição de sua potência de força política se dá a partir da secretaria estadual através de seu escritório situado na metrópole goiana.

Vários são os papéis que definem a importância de sua secretaria se situar em Goiânia, entre estes, a organização da ação política no estado; a relação com os princípios organizativos e de ações do MST nacional; a efetivação do intercâmbio de militantes, agentes e dirigentes do local com outras regiões; a composição de ação junto a diferentes órgãos com quem necessariamente se mantém relação, como o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Universidades, Câmara de



Vereadores, Prefeitura, Assembléia Legislativa; a ação e a formação da frente de massa; os estudos e a definição de locais de ocupação até a organização de encontros estaduais entre outros.

Todas essas ações organizativas, formativas e políticas do movimento procuram criar um elo direto da metrópole com os assentamentos de reforma agrária em Goiás. Entretanto, de modo bastante peculiar, o *Assentamento Canudos*, gerido no seio das ações do MST, assim como outros assentamentos desse movimento no Estado, tornou-se quase que uma marca, uma referência, um espelho, símbolo de suas manifestações e de sua força no território goiano.

O Assentamento de reforma agrária Canudos atraiu para si algumas singularidades que se arrolaram desde seu processo formativo, mas de modo particular, sua distância em relação à Goiânia atua como componente econômico decisivo, tendo em vista que está situada a menos de 70 km da metrópole goiana. Por estar próximo da capital, o valor econômico do terra significou um maior conflito no processo de ocupação, mas também facilita as ligações com um mercado de consumo mais expressivo, destarte com um mercado terciário que possui uma oferta maior e mais qualificada de bens e serviços que podem – e devem – ser usados na operação do sistema produtivo e na organização territorial do assentamento.

Com a capital encarnando com maior precisão a função de uma metrópole regional no contexto do mundo globalizado, as demais cidades do estado de Goiás desenvolvem uma ligação estreita com a totalidade de seu território. Observa-se que, nos anos 2000, dos 246 municípios do território goiano, mais de 70% possui uma população com até 10.000 habitantes. Isso quer dizer que o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo globalitário se expressa na composição demográfica entre cidade-campo em Goiás.

Na Região Metropolitana de Goiânia há uma forte concentração de população, juntamente com maior oferta de diferentes tipos de serviços. Esses lugares acolhem mais capitais, há, por isso, mais trânsito e possibilidades de mobilidades sociais, enquanto que a maioria das cidades pequenas ou muito pequenas possui pouco dinamismo. E, há casos em que muitas têm balanço migratório negativo, ou seja, ao invés de crescerem, diminuem.



O resultado é que as grandes cidades, como é o caso de Goiânia, têm um forte dinamismo econômico, mas são fortes expressões das desigualdades sociais; e nas cidades pequenas, não há dinamismo, razão que as leva a depender da intervenção direta de políticas públicas do Estado, ou então sua população é induzida a migrar.

As cidades pequenas acabam apresentando uma situação relacional com o campo: as pequenas propriedades são imobilizadas, inclusive por não terem capital social e simbólico que lhes permitam avanços que contribuam com o desenvolvimento local. Ao se colocar assim, mantém ações tradicionais e pouco ajudam a dinamizar as suas cidades; as grandes propriedades que se modernizam, geralmente mantêm relação vertical com elas, ou seja, não investem no lugar a não ser para acumular mais terras. E mais: os proprietários, seus filhos e congêneres desenvolvem relações sociais na metrópole, usando o território em que se está instalado apenas como dispositivo de lucro.

Ao se colocar em posição distinta dos que são otimistas, a partir de diferentes propostas de desenvolvimento local e regional, Alentejano (2003), propõe uma leitura totalizante do território, não separando cidade e campo, a partir da qual nos permite situar o problema e sintetizá-lo, indicando como cerne o seguinte:

- a) Tanto as feições e os conteúdos sociais das metrópoles, como das pequenas e médias cidades, e dos latifúndios, demonstram que o que há é um tipo de ordenamento social do território brasileiro;
- b) Esse ordenamento remonta à sua história de dependência, isso quer dizer que a divisão internacional do trabalho permeia a relação cidade-campo. Isso acontece a medida que esses espaços se colocam a serviço dos interesses econômicos dos países que possuem o poder de compra das *comodities* nacional;
- c) As soluções sociais para a crise das cidades ou para resolver os problemas sociais do campo, são de caráter político e geopolítico. O que está em jogo é o modo de conceber os sentidos para o território da nação;
- d) A ação política no campo deve, em função de sua abrangência territorial nacional, fazer uma reforma agrária que mude a estrutura da posse da terra, sem a qual não se podem mudar os projetos de uso.



Essa síntese pontuada a partir da leitura Alentejano (2003) nos permite compreender que, em Goiás, essa lógica apontada se efetivou de forma concreta, à medida que grupos de municípios abrigam um conjunto de cidades representantes do Goiás moderno, com um processo de ponta na modernização de sua agricultura e do seu território, unindo capital financeiro, sistema produtivo agrícola informatizado, mercado em rede, regime de integração, marketing, relação com o Estado entre outros, mas ao mesmo tempo crescendo a concentração fundiária em seu território.

Isso quer dizer que o seu dinamismo econômico pode gerar – e gera - força política no estado, todavia, isso estabelece e intensifica lógicas de atividade sociais como a migração inter-regional e interestadual, o inchaço das grandes cidades, o aumento da violência, e, ao mesmo tempo que cria novas vagas de emprego, exigindo maior qualificação, também aumenta o numero pessoas desempregadas. Assim, observa-se no estado de Goiás um gradiente social mais contraditório (ou combinado na lógica do modo de produção vigente), pois ao mesmo tempo em que traz novos agentes para controlar as ações sobre seu território, também traz, ou faz surgir grupos que se organizam para não ficarem a margem do processo.

Antes de refletir o enlace concreto da influência da região metropolitana de Goiânia ou do modo como o assentamento Canudos se coloca na relação cidade/campo, deve-se perguntar: que especificidades possuem o campo das chamadas sociedades complexas globalizadas?

Se tomarmos como referência histórica na interpretação do campo goiano e brasileiro, o processo de modernização conservadora da agricultura pode-se dizer que, do seu início – na década de 1960 até o presente - se desenvolveu construindo desigualdades nos diferentes lugares e regiões, uma vez que cada lugar ou região era lido, concebido e apropriado de acordo com a regulação do capital em cada período histórico em conformidade com o que exigia o padrão de acumulação dos distintos momentos.

Isso mostra que a abertura de fronteiras, as rubricas de subsídio do Estado ou o consorciamento de diferentes relações de produção, por exemplo, modernas com outras formas tradicionais, assalariadas com as não capitalistas, demonstram que o campo

brasileiro se diferenciou a partir do processo de interesse do capital. Mendonça (2004, p. 261) ao analisar o campo neste viés analítico, diz que:

Há que mencionar e se possível decifrar as diferentes inter-relações entre as formas de trabalho existentes, dentre elas, o imbricamento entre o trabalho assalariado e as novas formas de gestão do processo produtivo, centradas na intensificação do trabalho precarizado, tanto no campo como na cidade. A heterogeneização e a complexificação do trabalho redefinem a relação cidade-campo a partir de novos desenhos societais constituídos nesses territórios. As novas categorias de trabalhadores, assim como as novas formas de auferir/apropriar renda necessitam ser pesquisadas. Entretanto, há o risco de visualizar apenas a capacidade transformadora do capital e secundarizar o trabalho, fato presente na maioria das pesquisas que desconsideram as múltiplas relações sociais de trabalho, camufladas sob o escopo da modernização da agricultura, da extração do valor e da reprodução ampliada do capital. (MENDONÇA, 2004, p. 261)

Segundo o que o autor nos apresenta, ao tomar como matriz explicativa do campo atual o processo de modernização, deve-se levar em consideração a relação cidade-campo e também a diferenciação do trabalho e do próprio campo. Ainda seguindo essa análise, Marques acrescenta que:

Devemos pensar o rural não apenas a partir de sua funcionalidade economia à sociedade urbana hoje estruturada, mas a partir de um esforço no sentido de identificar a contribuição que um 'novo' rural possa dar para a transformação de nossa sociedade. É por acreditar nisso que temos estado atentos às novas formas de organização social no campo, à sociedade em movimento. As histórias e geografias locais fazem a diferença, que está registrada no seio da vida cotidiana, naquilo que lhe dá substância, na cultura. A discussão sobre a construção de um 'novo' espaço rural é uma condição fundamental para que se possa repensar o nosso urbano, na medida em que o significado hoje posto para a ruralidade comporta uma crítica profunda à sociedade que transformou o homem e a terra em mercadorias e, portanto ao processo de alienação que lhe é subjacente (2004, p. 214).

Frente à análise da autora, deve-se considerar ainda elementos essenciais da relação cidade-campo, como a tecnificação, a quimificação, o automatismo do trabalho no campo que tiveram origem na indústria urbana dos países capitalistas ricos; do mesmo modo, elementos como as mudanças implicadas na forma do trabalho ou no seu conteúdo tiveram origem na tecnificação ou nos novos processos de regulação jurídica.



Acrescenta-se, ainda, que o crescimento do trabalho em tempo parcial; a retração do emprego industrial e o processo de demissão coletiva ou em massa; o aumento do setor de serviços em todas as cidades; a diversificação das formas de comércio; a necessidade de novos objetos para o exercício cotidiano da existência; a força da mídia, o novo padrão de consumo e com ele novos aportes da subjetividade etc, tudo isso chegam ao campo com outro conteúdo social e espacial.

É sobre esse campo que recai as diferentes idéias, teses, sínteses e desafia o olhar acadêmico bem como a intervenção da gestão, ao sabor do qual suscita questionamentos que fazem teoria e ideologia, posição política e leitura do território se juntarem, entrarem em embate e devotarem esforços de compreensão. Pode-se, no esforço de pontuar as várias mudanças desse campo a partir da realidade concreta de Goiás, enumerar um conjunto de alterações que contribuem para que se entenda o grau, também, complexo desse campo, tais como:

- a) Investimento científico, técnico e, mais recentemente, informacional no processo produtivo;
- b) Desenvolvimento de novas formas de gestão que, também, influenciam novas condutas dos gestores, colocando-os na condição de estrategista de mercado, às vezes internacional, gerenciador de empresas, peritos em cálculo financeiro. Esse processo faz com que eles gerenciem a terra - o campo propriamente dito - a partir da cidade; fazem da cidade o lugar de onde o campo gere lucratividade;
- c) Organização de parcerias, sistema de pressão política, financiamento de campanhas de deputados que irão defender e liderar lobbies ruralistas, estabelecendo uma nova ponte entre economia e política²;
- d) Aumento da produção e da produtividade, revalorização da natureza e sua reconstituição pela intervenção da ciência. Recentemente, o debate de transgenia ou também a pressão do mercado internacional sobre qualidade, faz

² Observa-se que há no Brasil um forte comando das ações hegemônicas do campo que se expressam com grande performance nas casas legislativa estaduais e também federal. Fato real é a situação presente da bancada ruralista no congresso nacional e que tem como forte porta voz um deputado Goiano, Sr. Ronaldo Caiado – ex-presidente da UDR – eleito dep. Federal pela quarta vez em Goiás (2006), tendo usado como um dos seus motes de campanha o discurso da defesa dos agropecuaristas e do agronegócio goiano.



- com que a ciência e os seus instrumentos sejam componentes decisivos da relação entre trabalho e natureza nesse campo;
- e) Degradação ambiental de diferentes estirpes, qualidades, condicionantes e efeitos³;
 - f) Impactação urbana através, por exemplo, de diferentes processos migratórios, seja de desterritorialização, reterritorialização ou de acomodação de trabalhadores de áreas de reserva de trabalho. Isso vai ser responsável por uma cidade cheia e empobrecida e um campo vazio e produtivo⁴;
 - g) Definição de modalidades de trabalho em equipe ou organização de parcerias, regime de integração, referendando um aproveitamento temporal e organizativo maior da produção;
 - h) Introdução da modalidade de subcontratação, especialmente de trabalhadores temporários; o aumento da terceirização e também a definição de especialização de atividades e funções que garantam a execução de novas ações do trabalho;
 - i) A importância de infra-estrutura que possa garantir armazenamento, escoamento e tratamento de produtos, daí a revalorização de categorias como localização, posição e relação entre lugares e instituições;
 - j) Outra relação simbólica com a terra: ao invés da adesão afetiva a ela, como nos preceitos da tradição, a adesão é econômica. A memória da terra, diferente dos sujeitos da tradição, não tem um significado de mãe da vida, mas de condição da produção de riquezas.

Esses pontos certificam que houve mudanças na forma visceral do conteúdo espacial do campo brasileiro e em Goiás de forma incisiva; é a contundência dessas mudanças na forma espacial do campo, não em seu conteúdo e em sua estrutura, que mobilizam o debate teórico em torno dos caminhos. Mais que isso, a insistência dos vários problemas sociais dessas novas formas e os descabros que esses problemas têm gerado para a vida humana especialmente nas metrópoles coloca em debate um contorno interessante.

³ Ribeiro (2005) aborda no seu trabalho o ônus socioambiental que o modelo de agricultura CAIFICADA instalou no cerrado goiano à medida que o capital -via agronegócio - estende seu tentáculos em Goiás.

⁴ Interessante análise que se ocupa de compreender com amplitude e profundidade o território goiano é abordagem organizada por Chaveiro (2005), um texto que toma conta do debate é o do pesquisador Robson de Sousa Moraes (2005)



Em Goiás o teor dessas mudanças entrou na estrutura de todo o território, de forma direta ou indireta. Mas a entrada veio edificar um conjunto de contradições. Segundo Moraes (2005, p. 28), o que se viu foi a transformação de Goiás num mosaico produtivo e social, em que determinadas partes do território apresentam uma elevada produtividade juntamente com setores tradicionais de pouquíssima produção; localidades com grande concentração de população e vários problemas sociais juntamente com áreas de grandes refluxos demográficos ou mesmo de um povoamento rarefeito.

Essa condição leva a questionar o Goiás moderno e suas cifras e também o processo que o gerou. Esse mesmo autor menciona que,

Por mais dinâmico que seja o crescimento econômico, este não produz mecanicamente a distribuição de seus benefícios. A julgar pelas experiências históricas, o que ocorre é um financiamento público para a atividade privada que reflete significativamente nos índices de crescimento econômico (PIB) acompanhado com vertiginoso aumento das desigualdades sociais. (MORAES, 2005, p. 28).

A par dessas condições, o campo goiano modernizado, além de não viabilizar as condições de avanços sociais, de mobilidade de renda, de possibilidade de inserção social das camadas sociais marginalizadas, não permitiu que as pequenas propriedades tivessem uma possibilidade de criar as suas condições de reprodução social e de financiamento das necessidades existenciais básicas. Embora estivesse cunhando o chamado “desenvolvimento regional” de algumas partes do território – se tornando o principal componente do novo padrão territorial goiano - cumprindo o papel de aumentar a renda regional e aumentar a capacidade de auferir receita pelo estado, o que se viu foi um aumento nas desigualdades regionais.

Esse tipo de ação econômica impacta a relação cidade-campo. Ao analisar os efeitos da inserção desse modelo na base da acumulação capitalista contemporânea, Moraes assegura que,

Um Goiás genérico e fruto de abstração, sendo o Estado (sic) composto por diferentes realidades, contradições e reivindicações. Qualquer projeto de desenvolvimento, para ser eficaz deve levar em conta esta pluralidade de situações encontradas dentro de uma mesma unidade chamada Goiás. Importante ressaltar que esta



característica se fortaleceu com a implementação de um modelo econômico que buscava uma integração competitiva do Estado no cenário nacional e internacional, levando a expansão da produção rural em razão direta a utilização de novas tecnologias com menor poder de absorção de mão de obra. O processo de modernização da agricultura e da pecuária goiana é estruturalmente desequilibrado, sendo incapaz de promover um desenvolvimento regional no sentido de garantir uma elevação da qualidade de vida da população. O que se revela é uma lógica perversa da qual quanto mais o estado busca melhores níveis de competitividade, com expansão especializada de sua atividade econômica, menor será o potencial de ocupação humana, maior o deslocamento populacional em direção aos centros urbanos com maior demanda para políticas de amparo social, geralmente sustentada pelo assistencialismo (2005, p.28).

O impacto desse processo, predicado pelo autor como perverso, na estrutura espacial de Goiás é enorme,. Relativo à urbanização, Goiás em 2000, tem 87,9% da sua população residindo nas cidades. Da mesma forma, que há uma desintegração no interior das regiões, o processo de urbanização não é igual entre as regiões. Mais importante que averiguar isso é interpretar que deve se ter acuidade para não cair numa cantinela ideológica dualista, afirmando, por exemplo, que existe um Goiás moderno e um Goiás da tradição, supondo que o moderno é o Goiás novo, e o da tradição é o Goiás velho, no novo reside o avanço e na tradição reside o atraso.

Como se vê, o processo de modernização busca ser totalizante e atinge de maneira diferenciada – direta ou indiretamente – todas as regiões, campo, cidade e os lugares mais modernos se alimentam da tradição, às vezes convergindo com ela, às vezes obrigando-a a se adaptar ou então, em alguns casos, estabelecendo alguns conflitos. Opor o moderno à tradição supondo a defesa de um relativo ao outro, deixa de colocar no centro da análise a compreensão dos conflitos de um e de outro e de seus imbricamentos. É esse ponto nuclear que faz Chaveiro (2005) propor um enfoque para analisar eventos, paisagens e situações goianas. Ele diz que,

A modernização não foi completa, mas impôs direta ou indiretamente os seus tentáculos como correia mutacional do espaço e do sujeito goiano; a tradição não se erradicou, mas não logrou-se vencedora. Ora resistente e ora convergente diante da hegemonia da modernização, radicada numa espécie de hibridagem espacial, ela a tradição se apresenta à paisagem como um tempo diferencial resultante do desenvolvimento desigual e combinado do capital sobre o território. (CHAVEIRO, 2005, p. 177)



É isso que o autor chama de “hibridagem espacial” que matiza a cidade e o campo goiano e dão o contorno de sua especificidade. Santos (1996) analisa isso que estamos apontando, compreendendo que a evolução que marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais também são sinalizadas no espaço, naquilo que o mesmo autor já abordara como forma, função e processo (Santos, 1982), este ainda nos acrescenta o seguinte:

Todo e qualquer período histórico se afirma com um elenco correspondente de técnicas que o caracteriza e com uma família correspondente de objetos. Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas. Em cada período, há também, um novo arranjo de objetos. Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente, novas formas de ação. Como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar(...).Em outras palavras, quando há mudança morfológica, junto aos novos objetos, criados para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função. (SANTOS, 1996, p.37).

Muitas cidades pequenas são espaços que prolongam o campo, com uma economia lenta, com uso do quintal para a criação de porcos, de galinhas e mesmo a manutenção de pequenas hortas que ajudam a compor a dieta básica da família, assim como a metrópole goianiense passa a ter uma cultura com os ingredientes trazidos do campo pela massa de camponês que migrou para ela.

Aliás, de acordo com Chaveiro (2005) o processo de metropolização de Goiânia foi um produto da moderna agricultura, tanto no seu peso demográfico a partir da desterritorialização dos camponeses, como na sua função, de ser uma cidade terciária para servir o campo moderno. A modernização do território goiano foi a veia para levar os novos objetos de consumo para o espaço goiano e trazer dele as raízes de sua especificidade. Se o processo que impactou campo e cidade foi o mesmo, os problemas podem ter formas diferentes, mas tem fundamento social igual. Por isso, para Chaveiro (2005) o Goiás urbanizado é um Goiás violento, do desemprego, da desigualdade social e da segregação socioespacial.

Assim, se antes de 1960 o imaginário da nação consagrava o campo como sinal de atraso e a urbanização seria então o avanço, os problemas sociais urbanos atuais

apontam para a crítica da vida nas cidade e abrem portas para, segundo Alentejano (2003, p. 26) “*uma revalorização do rural*”.

Essa condição instiga o problema: o que é o campo hoje? Ou seja: como o campo se coloca diante da nova acumulação, quais são as suas possibilidades, as suas contradições? E mais: como os pesquisadores que habitualmente o estuda o interpretam?

Para efeito deste trabalho, apresentaremos uma síntese do debate atual, partindo do pressuposto de que a discussão sobre o campo inclui a cidade, assim como a reflexão desse inclui aquele. Segundo um conjunto de autores da geografia, especificamente nos debates acadêmicos desenvolvidos nos últimos encontros científicos, em artigos e livros, bem como em monografias, dissertações e teses, pode-se elencar como sendo o cerne do debate atual alguns eixos, a saber:

- O papel reforçado pela latifundiáriação mediante a modernização da agricultura e do território em suas diferentes fases. Aqui o debate em torno do conceito de “agricultura familiar” em substituição ao de campesinato assume um papel político e ideológico, pois coloca o problema do campo – e da terra – apenas na ótica do Estado através da política pública, não dos Movimentos sociais;
- O debate da tecnificação e cientificação da produção e do modelo produtivo legando para o campo do conhecimento as mudanças estruturais, como se os problemas sociais do campo fosse a falta de uso de equipamentos de última geração de determinadas parcelas de camponeses ou pequenos e médios proprietários;
- A pregação de que o agronegócio é a salvação econômica do país no contexto da economia globalizada, permitindo a adoção de subvenção do Estado em infraestrutura e subsídio à pecuária e a agricultura modernas;
- A efetivação do novo rural não-agrícola como saída para o desemprego no campo a partir de novas funções e usos da terra, como pesque-e-pague, turismo rural, criação de animais exóticos, agroecologia,;
- Ainda que não se constitua enquanto unidade, há uma união da agricultura e da indústria com a incorporação de várias características e funções de setores da produção nesses espaços;

Esses pontos nodais e outros desafiam a ação política e o esforço de interpretação da realidade e dos rumos do campo brasileiro em sua diversidade e em suas contradições. Além disso, instala uma obrigatoriedade: conectar a realidade do campo à cidade no contexto do espaço complexo globalizado.

Arranjos de um assentamento no sopé da metrópole goiana

O Movimento social, além das modalidades táticas e estratégias de luta, do reforço de poder, do seu lastreamento no seio das comunidades urbanas e rurais para legitimarem o seu projeto territorial de assentamentos em forma de sistema produtivo ou de organização política sobre a terra, necessita ter uma leitura do modo de produção e dos agentes como o Estado, as instituições de comando, o papel das novas tecnologias, as tendências e os objetivos do mercado, o papel dos vários tipos de conhecimento, a função dos símbolos midiáticos e a inserção de novos paradigmas produtivos que vão desde as propostas de sustentabilidade, passando por mercado solidário, rede solidária, ecovila, segurança alimentar, desenvolvimento local etc.

No cerne da interpretação se coloca as esferas e as escalas espaciais. No caso de Canudos isso é evidente, pois é um assentamento próximo a uma metrópole e com grandes dimensões territoriais, se estabelecendo em três municípios - Palmeiras de Goiás, Guapó e Campestre de Goiás - e se efetiva no coração de um espaço agrário modernizado, assim, descobrir o seu lugar é iluminar o seu caminho.

Neste caso, a demanda sobre seu entendimento nos conduz também a olhá-lo na perspectiva de proximidade com a metrópole goiana, em que alguns questionamentos são significativos para que possamos melhor compreendê-lo, tais como: quais são os determinantes sociais, econômicos, culturais, políticos e simbólicos de um assentamento radicado “no sopé” de uma metrópole? A partir desses problemas, levantamos a hipótese de que a relação cidade-campo de um assentamento rural enraizado “no sopé” da metrópole goiana (especialmente por ser territorializado numa área que estamos tratando como, de modernização acelerada e desigual) é sinônimo de contradições e possibilidades que obrigaram o MST de Goiás, as lideranças internas do assentamento e os sujeitos assentados em Canudos, a estabelecerem novas disposições de luta e de trabalho em função dessa condição territorial.



De um lado, Goiás se coloca como um território de modernização acelerada em razão dos aportes sociais, econômicos, culturais que se espacializam rapidamente em determinadas áreas, constituindo zonas luminosas, de outro lado as áreas opacas são cada vez mais arrefecidas, todavia esse quadro desenhado desenvolve e apresenta nele mesmo as desigualdades do seu comportamento. Isso se explica dentro da lógica do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo que lança seus tentáculos em Goiás, implantando indústrias dos mais diversos setores (agroindústrias, automobilísticas, mineroindustriais, de bebidas e alimentícias, fármaco-químico, entre outras) que além de atrair para o estado riqueza e luxo, também aceleram o processo de horizontalização da miséria e da pobreza, expressa em todas as suas regiões.

Pode-se dizer que os valores burgueses e a necrose social de que decorrem, incansavelmente insiste em invadir o território do assentamento a partir de ações diretas, sutis e simbólicas. Mas essa condição territorial, se interpretada sob lúcida consciência, pode favorecer a inserção da agricultura camponesa na pauta da economia capitalista globalizada. O tempo veloz da metrópole, os valores liberais de sua economia, o seu *ethos* tendem a circular nas adjacências, tal como é a função de qualquer metrópole e, por isso, Canudos tende a ser pressionado por esse tempo; por outro lado, a condição libertária da metrópole, o ressonar da voz política, dá ao assentamento maior possibilidade de agir em função de seus objetivos políticos e humanos.

Não sem razão, que assentados de Canudos quase sempre estão na metrópole, seja para tratarem de assuntos e necessidades particulares, ou para se somarem nas mobilizações coordenadas pelas lideranças do MST estadual, ou participando de outras manifestações de luta e reivindicações pela reforma agrária ocupando prédios públicos (Receita Federal), ou até mesmo acampando em suas sedes, como no INCRA, ou em praças públicas, sendo uma em especial, a Praça Cívica, que sempre foi palco das manifestações populares em Goiânia, e que representa a centralidade do poder do executivo estadual, de onde o MST geralmente parte com suas caminhadas, como foi o caso da Marcha Nacional Pela Reforma Agrária de Goiânia a Brasília no ano de 2005. Frente ao exposto vale observar a reflexão que Alentejano (2003) apresenta, o qual assevera que,

Cada realidade rural ou urbana deve ser entendida em sua particularidade, mas também no que tem de geral, sua



territorialidade mais ou menos intensa. É esta intensidade da territorialidade que distingue, em nossa opinião, o rural do urbano, podendo-se afirmar que o urbano representa relações mais globais, mais descoladas do território, enquanto o rural reflete uma maior territorialidade, uma vinculação local mais intensa. Assim, para falarmos num novo mundo rural seria necessário avançar em formulações que rompam com a dicotomia rural/urbano. Do mesmo modo, a efetiva construção de um novo rural brasileiro passa pela difusão de serviços e atividades, tidas como urbanas, no campo, com um alto grau de dispersão espacial e uma territorialidade intensa (ibidem, p. 32)

Canudos, seus agentes e suas particularidades, suas contradições e nexos perante a metrópole e o campo pode ser entendido à luz do que o autor relata, ou seja, de acordo com a intensidade do geral ou a vinculação mais próxima ou intensa. Componentes fundamentais como o modelo territorial como expressão política e ideológica, ou o que se tem chamado de ‘Arquitetura do Movimento’; a necessidade de se estabelecer lastros de cooperação e reforço de potência coletiva; a intervenção na estrutura de gestão do poder a partir da ação concreta e de vida entre grupos, homens e mulheres, pais e filhos; o papel da formação no desenvolvimento da esperança socialista e na consecução de um novo projeto de sociedade; a importância da comunicação interna; a pedagogia do quintal⁵ como mote de libertação entre outros, certamente entram na cena dessa relação cidade-campo no assentamento Canudos.

As discussões e análises realizadas, o diálogo com as teorias e com os intelectuais, as vozes dos assentados, onde um aponta que retoma ou constrói novos hábitos, como de ver novelas vespertinas que antes não se via; ou outro que acorda mais tarde para tirar o leite, pois no assentamento possuem tanque de resfriamento desse produto, juntamente com o caminhão do laticínio que só passa a cada dois dias; um terceiro que gosta de dormir á tarde, quando não há mais tarefas; um quarto que só se deita a noite depois da novela das nove; as crianças e os jovens que só se vestem caracterizados pela moda da cidade; tudo isso expressam a sutileza, o diagrama e também as possibilidades que se revelam no assentamento.

Cada assentamento é um mundo próprio eivado de contradições e possibilidades próprias. Pode-se dizer que a realidade de Canudos se faz com um acúmulo de

⁵ Chamamos de Pedagogia do Quintal o fato de se utilizar o quintal como modo de recuperar os valores da cultura sertaneja e estabelecer gestos de afeto e de respeito com a terra, inclusive, na participação das crianças no plantio de fruteiras ou plantas medicinais.

experiências advindas da história de luta brasileira, mas a sua realidade permite observar elementos próprios. Ler essa singularidade em movimento, ou esse “presente contínuo” é tarefa difícil – e necessária. Por isso nos valem de um elenco desses elementos que, embora singulares sejam mediados pelas condições gerais da terra no Brasil e na sociedade capitalista hodierna, bem como no contexto do território goiano, este, moderno e desigual. Esses elementos, por certo, contribuem para universalizarem o sentido de organização e de luta, ajudando a compreender mais o que ocorre em Goiás e no Brasil. É com eles que a história se torna vida – e que a vida se faz história – espacialmente definida.

Tomaremos quatro referências básicas que estabelecem a singularidade de Canudos, a saber:

a) A multiplicidade territorial de Canudos

Canudos porta mais de 12.000 ha de terras que se territorializam diretamente em três municípios: Campestre de Goiás, Palmeiras de Goiás, Guapó e participa da vida de outro, Cezarina. O gigantismo territorial marca uma enorme distância entre as várias referências territoriais. Além disso, definem realidades socioespaciais diferenciadas entre o dinamismo, a situação demográfica e, conseqüentemente, a representação de cada prefeitura concernente a sua atuação. Se o tamanho se transforma em distância e essa penetra a organização política e a composição de forças, a radicação territorial dos grupos nos diversos municípios redundando numa complexidade ainda maior. As diferentes referências territoriais através dos municípios, criam situações de complexidade para negociação, organização de pactos, definição de parcerias e, inclusive, de montagem de infra-estrutura básica como Escola, posto de Saúde etc.

b) A organização territorial diferenciada: autonomia e interdependência construídas

Estabeleceu-se que a organização territorial e a sua definição topográfica seria uma espécie de “arquitetura política da terra”. Portanto, o modo de repartir a terra responderia pela visão política de sua distribuição, de seu uso – e também de seu sucesso produtivo. Pensar a divisão dos lotes só foi possível pela ampla discussão que

se teve, mas também foi fundamental ter uma leitura da área, do terreno, da topografia local, bem como dos seus constituintes. Nesse sentido ao discutir a partilha dos lotes no assentamento passou-se por uma análise sobre a questão da terra na sociedade capitalista, sobre a agricultura monocultora que se inseriu no cerrado, sobre o agronegócio e sobre a relação entre a pequena propriedade e o mercado capitalista.

c) Vínculos espaciais dos sujeitos do lugar: trajetórias em construção

Se Canudos é um assentamento de múltiplos territórios dado a sua radicação em quatro municípios, o seu cotidiano é costurado pelas trajetórias de seus sujeitos em ação, irmanados no espaço a partir de um conjunto de variáveis socioculturais. Essas trajetórias ganham uma conotação educativa, pois incluem desde saberes para o trabalho, concepções de relação homem/mulher, forma de educar os filhos, importância que se atribui a instituições como a escola e a elementos como a saúde e alimentação, até a prática de higiene, disposição para aprender novos saberes e novas condutas.

d) Canudos e a Região metropolitana de Goiânia: fluxos contraditórios

Uma singularidade fundamental de Canudos tal como estamos evidenciando ao longo do trabalho, é a sua relação com a região metropolitana de Goiânia. Vários de seus sujeitos são migrantes que saíram do campo desterritorializados pelo processo de modernização da agricultura e foram para a periferia proletária da região metropolitana de Goiânia. É com o assentamento que muitos restabelecem o contato rompido com o campo. Esse fluxo relacional com a Região Metropolitana de Goiânia – RMG - é contínuo e ocorre também com a participação de membros do assentamento na organização estadual do MST, na efetivação de lutas no INCRA ou em outros órgãos, mas há também uma ligação com os “amigos do MST” que ocorre com o fluxo entre Goiânia e Canudos, com a participação de várias representações da sociedade Goiana. O fortalecimento dos elos de resistência, a capacidade de se locomover com rapidez para resolver pequenos ou maiores problemas em Goiânia, a efetiva ligação com as universidades localizadas na capital, a busca de apoio e parcerias com representantes do legislativo simpáticos à reforma agrária, e, especialmente, a ligação direta com a



Secretaria Estadual do Movimento, faz com que entre Canudos e a Região metropolitana haja fluxos de várias direções. Se a luta pela resistência, a abertura para a atualização dos novos símbolos de luta, a grande massa de consumidor advinda da dimensão demográfica de Goiânia e entorno são elementos que contribuem para o sucesso do assentamento, além do controle, da fiscalização no assentamento entre seus pares ou pelo INCRA, a própria cultura capitalista que se expressa com maior força nas cidades, penetra com rapidez no assentamento.

Considerações finais

Percebe-se que a presença da metrópole no assentamento num regime de fluxo intenso, enfronha a epiderme do movimento, refaz com rapidez os quadros identitários e referenciais. Mas isso é contraditório, pois se a metrópole é palco da luta por liberdade, é também, espaço da criação e da oferta de modas, tudo isso compõem uma das singularidades de Canudos. Para que se possa aprofundar mais sobre a questão cidade-campo nas sociedade complexas, tomando como exemplo o assentamento Canudos e sua relação com a RMG, não se pode ter como único balizador um olhar que se apóie no tripé, concentração demográfica, diferenciação social e unidade espacial para responder o que é campo e o que é cidade. Não que esses atributos tenham perdido valor e significado na análise, entretanto, as particularidades presentes na área referendada devem ser somadas às reflexões atuais, a superposição das formas espaciais campo e cidade, a superposição de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano. Isso leva a compreender que se a metrópole tem como função difundir o modo de produção, as suas contradições e condições a transformam num palco de luta, e, muitas vezes, é a partir desse palco que um grau das ações de Canudos assume um determinado conteúdo socioespacial, além de suas condições próprias que o coloca na condição de sujeito, não apenas como um refém da cidade, tem sua própria geografia, suas lutas e tensões.

Referências Bibliográficas

ALENTEJANO, P. R. R. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. *Terra Livre*, São Paulo, v. 2, n. 21, ano 19, jul/dez. 2003.

CHAVEIRO, E. F. *Goiânia, uma metrópole em travessia*,f.. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

_____. *Traços, linhas e matrizes para a compreensão de um Goiás profundo*. In: CHAVEIRO, E. F. (Org.). *A captura do território goiano e a sua múltipla dimensão socioespacial*. Goiânia, ed. do autor, 2005.

FUNAPE/INCRA/PDA. *Plano de desenvolvimento do assentamento canudos: relatório técnico*. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003 (mimeo.).

MST transforma Canudos em super acampamento. *Jornal o Popular*, Goiânia, 29 dez. 1997.p. 6.

Especial - *Agenda de negócios: Metropolitana: região impulsiona o crescimento econômico*. *Jornal o Popular*, Goiânia, 30 jun. 2006. p. 1 a 24.

MELO, S. C. *No sopé da metrópole: implicações da relação cidade-campo na dinâmica socioespacial do Assentamento Canudos – GO,....f*. Tese (Doutorado em Geografia) UFF/IG/DG/PPG – Niterói. 2007

MENDONÇA, M. R. *A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudoeste goiano*. 2004,....f. Tese (Doutorado em Geografia) Unesp/FCT- Presidente Prudente. 2004.

MORAES, R. de S. As formas contemporâneas da captura capitalista do território goiano. In: CHAVEIRO, E. F. (Org.). *A captura do território goiano e a sua múltipla dimensão socioespacial*. Goiânia, ed. do autor, 2005.

SANTOS, B. de S. (Org.) *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.



SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M. E. B. WHITACKER, A. M. (org.) *Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Recebido para publicação em maio de 2009
Aprovado para publicação em julho de 2009